

**Tarcisio Torres Silva**  
Pontifícia Universidade  
Católica de Campinas – PUC-  
Campinas  
ORCID: [https://orcid.org/  
0000-0001-9347-7585](https://orcid.org/0000-0001-9347-7585)  
Email: [tarcisio.silva@puc-  
campinas.edu.br](mailto:tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br)



Este trabalho está licenciado sob  
uma licença [Creative Commons  
Attribution 4.0 International  
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

**Copyright (©):**  
Aos autores pertence o direito  
exclusivo de utilização ou  
reprodução

ISSN: 2175-8689

**As transformações do olhar  
contemporâneo por Giselle  
Beiguelman:  
algoritmos, inteligência artificial e  
pandemia**

*The transformations of the  
contemporary look by Giselle  
Beiguelman:  
algorithms, artificial intelligence and the  
pandemic*

SILVA, T. T. As transformações do olhar por Giselle Beiguelman:  
algoritmos, inteligência artificial e pandemia. **Revista Eco-Pós**,  
v. 25, n. 1, p. 488 - 496, 2022. DÓI:  
10.29146/ecops.v25i1.27823

## RESUMO

Nesta resenha, procuramos enfatizar alguns aspectos do livro “Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera”, de Giselle Beiguelman, cujo desafio é o de pensar a imagem contemporânea frente à onipresença tecnológica e à complexidade nos fluxos de informação. Construído a partir de dois eixos principais que incluem a discussão teórica e as proposições artísticas em interface com a tecnologia, o livro sugere um percurso na transformação do olhar pelas máquinas ao longo do tempo. Destaca as relações de poder e as implicações do distanciamento e da mediação pelas telas durante a pandemia do Covid-19.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Políticas da imagem; Algoritmo; Tecnologia; Pandemia; Brasil.*

## ABSTRACT

In this review, emphasis is placed on some aspects of Giselle Beiguelman's book “Politics of Image: surveillance is the challenge and resistance in the dataosphere”, whose objective is to think about the contemporary image in the face of technological presence and complexity in information flows. Constructed from main axes that include theoretical discussion and how artistic propositions interface with technology, the book suggests a path in the transformation of the look by machines over time. It highlights the power relations and implications of distancing and mediation during the Covid-19 pandemic.

**KEYWORDS:** *Image policies; Algorithm; Technology; Pandemic; Brazil.*

## RESUMEN

En esta revisión buscamos enfatizar aspectos del libro de Beiguelman “Políticas de la Imagen: la vigilancia es el desafío y la resistencia en la dataósfera”, cuyo objetivo es pensar la imagen contemporánea frente a la presencia tecnológica y la complejidad en los flujos de información. Construido a partir de ejes principales que incluyen la discusión teórica y cómo las proposiciones artísticas interactúan con la tecnología, el libro sugiere un camino en la transformación de la mirada por parte de las máquinas a lo largo del tiempo. Destaca las relaciones de poder y las implicaciones del distanciamiento y la mediación durante la pandemia de Covid-19.

**PALABRAS CLAVE:** *Políticas de imagen; Algoritmo; Tecnología; Pandemia; Brasil.*

Submetido em 16 de fevereiro de 2022

Aceito em 22 de março de 2022

## 1. Rupturas e continuidades

Em alinhamento com o tempo em que foi escrito, o livro de Giselle Beiguelman, “Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera”, lançado em junho de 2021 pela editora Ubu, promove um panorama bastante diversificado para pensar as imagens no século XXI. O livro faz parte da coleção Exit que tem, como exposto no livro, o propósito de apresentar “reflexões de ponta sobre fenômenos ainda pouco nomeados” (Beiguelman, 2021, p. 222). Fazem parte dessa coleção, por exemplo, *Big Tech: a ascensão de dados e a morte da política*, de Evgeny Morozov e *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*, de Jonathan Crary, ambas obras recentes com grande aderência no mundo acadêmico brasileiro. Na coleção, que tem até o momento doze livros lançados, o de Beiguelman é o segundo livro de um autor brasileiro. O primeiro é do psicanalista Christian Dunker, *Reinvenção da intimidade – políticas do sofrimento cotidiano*.

A menção à coleção é relevante, pois os livros em seu conjunto dialogam entre si, mostrando a articulação e a urgência de temas que convergem as ciências humanas com a tecnologia. A obra da autora, artista e professora livre-docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, encaixa-se com maestria na proposta da coleção. Como coloca a autora na apresentação, o livro reúne seis ensaios sobre as políticas da imagem que, apesar de inéditos, fazem referências a artigos e obras recentes de Beiguelman.

O livro reflete em grande medida a trajetória da autora como artista e pesquisadora. Como artista, ela tem como objetos favoritos “as interfaces eletrônicas, as imagens digitais, as redes híbridas e as mídias locativas” (Baio, 2015, p. 167). Ao longo dos capítulos, esse interesse é refletido na abordagem de temas contemporâneos sobre tecnologia, com destaque para o capitalismo de dados, a inteligência artificial e também arte e tecnologia, apresentando, sempre que necessários, conceitos técnicos que contribuam para a melhor compreensão de um leitor que não tenha muita afinidade com a linguagem da tecnologia da informação. Ela assim o faz tanto para apresentar conceitos como para melhor contextualizar as obras artísticas que são apresentadas.

Giselle Beiguelman mostra, ao longo do livro, que não há rupturas, mas sim linhas de continuidade para se pensar as políticas das imagens na contemporaneidade. A estratégia de escrita acontece em dois níveis. Primeiro, ela promove o diálogo constante com autores consagrados na compreensão das imagens, tais como Didi-Huberman, Roland Barthes e Jacques Rancière. Ao mesmo tempo, mostra que determinados fenômenos que hoje assistimos recorrentemente nos aplicativos, *gadgets* e redes sociais, já eram problematizados em obras de arte do passado, revelando a capacidade dos artistas para ampliar a percepção sobre os fenômenos do mundo.

Outra característica evidente do livro é a relação com o tempo em que foi lançado. Estão delimitadas nele as marcas da pandemia do Covid-19. De forma contundente, a autora mostra que os anos 2020-2021 serão lembrados não só pelo período de isolamento, pelas estatísticas e pelas tantas vidas perdidas, mas também por um conjunto de imagens que constituíram uma nova paisagem, que envolveu tanto o teatro político do governo, como também olhares diversos para o deserto das cidades e os ativismos possíveis em um tempo no qual tomar as ruas não era uma opção.

Cada início de capítulo conta com um *QR-code* que leva a todas as referências nele contidas, e também a um conjunto de imagens que faz menção às obras artísticas e/ou exemplos citados. Tal proposição dá o tom de como deve ser feita a leitura das páginas: ela deve acompanhar a consulta às dezenas de endereços eletrônicos oferecidos pela autora. Realizar as consultas ao longo da leitura dá dinâmica ao texto e auxilia na melhor compreensão do conjunto visual analisado. Boa parte desses endereços remete a projetos e obras artísticas, mas também há outros que contextualizam visualmente o argumento proposto. Os links são talvez o melhor indício do trabalho de pesquisa da autora que, nota-se, é frequentadora assídua de exposições de arte, com grande capacidade para correlacionar os trabalhos dos artistas. Ela assim o faz, por vezes, navegando pelo tempo e por uma arqueologia recente das imagens digitais.

## 2. Pensar as imagens

Os seis ensaios organizam o livro em forma de capítulos. O capítulo 1 chama-se *Olhar além dos Olhos*. O argumento gira em torno das mudanças do olhar provocadas pelas “máquinas de visão”, em claro diálogo com os estudos sobre o pré-cinema. Mostra também que é o cinema que vai provocar outras mudanças, desde as posições experimentais de Duchamp, passando pela montagem intelectual de Eisenstein e a problematização da interpretação das imagens técnicas no filme *Blow-up*, de Antonioni. Ao iniciar o capítulo fazendo menção aos dois filmes da série *Blade Runner* (o de 1982, de Ridley Scott; e o de 2017, *Blade Runner 2049*, de Denis Villeneuve), a autora mostra o caminho de sua argumentação ao contrapor a intensidade de transformações a que o olhar se submeteu no período de tempo transcorrido entre a produção dos dois filmes. Enquanto as cenas futuristas do primeiro começam a fazer parte do nosso cotidiano — como imensas telas de LED espalhadas pelas cidades —, no segundo filme experienciamos imagens que são tocáveis, permeáveis e conduzidas pelos mecanismos por trás da inteligência artificial. Com exemplos de proposições artísticas contemporâneas, Giselle destaca o interesse dos trabalhos em flertar com uma nova estética da imagem digital, que contempla o excesso de informação, a repetição de padrões e a personalização proporcionada pelos algoritmos, estes que são um dos principais responsáveis pela modulação dos modos de ver contemporâneos.

No capítulo 2, *Dadosfera*, a autora aprofunda a discussão sobre os algoritmos. Apresenta o conceito de “profilagem”, que diz respeito à acumulação de dados sobre as pessoas a fim de prever seu comportamento. Os dados que, em boa parte, são entregues espontaneamente pelos usuários, alimentam um processo de vigilância, chamado por Bem Groser de *shareveillance* e traduzido pela autora como “vigilanciamento” ou “compartilhância” (Beiguelman, 2021, p. 50). A manipulação dessas informações atrelada às tecnologias de reconhecimento facial pode se virar contra os cidadãos, na medida em que seus dados começam a fazer parte da identidade de seus rostos. A autora também faz menção ao conceito de “datacolonialismo”, apresentado por Nick Couldry e Ulises Mejias, que mostra que, na economia de dados, a acumulação é realizada por meio do extrativismo de informação, e não mais pela produção (Beiguelman, 2021, p. 66).

O capítulo 3, *Ágora Distribuída*, preocupa-se com as cidades e como elas estão sendo reconfiguradas a partir da onipresença das tecnologias que monitoram, colhem dados e geram imagens. Ao mesmo tempo em que servem como instrumentos de vigilância, tais tecnologias

também podem conduzir a olhares disruptivos. A autora cita Eyal Weizman quando este fala sobre a necessidade de “desler” as imagens, e o esforço em interpretar de outra maneira determinadas linguagens visuais (Beiguelman, 2021, p. 98). Giselle cita recorrentemente o trabalho do artista Trevor Paglen que, lembra a autora, acredita que as imagens não só representam coisas, elas fazem coisas. Em texto citado no livro, Paglen afirma que a grande implicação das imagens digitais no mundo contemporâneo é que elas existem tanto na forma visual – ou seja, quando podem ser vistas por nós em telas de cristal líquido – quanto na forma de códigos, decifrados pelas máquinas. Ou seja, elas estão sob constante leitura, independentemente se a estamos vendo ou não. (Paglen, 2016, online). Nos diversos trabalhos artísticos citados nesse capítulo, a autora chama atenção para a necessidade de dialogar com essa “visibilidade invisível” que os olhos humanos não alcançam, mas que opera diretamente sobre nossas vidas e nosso comportamento. O trabalho *Cable Landing Sites*, do próprio Paglen, de 2015, é um exemplo desse movimento. A obra é um conjunto de fotos de cabos submersos no mar que levavam informações para a Agência de Segurança Nacional nos Estados Unidos. Uma clara referência aos mecanismos invisíveis dos fluxos de informação e as estratégias de poder em torno deles.

No quarto capítulo, *Eugenia Maquínica*, a autora destaca o papel das máquinas na manutenção dos desequilíbrios sociais. Entre os processos de visibilidade e invisibilidade que esses mecanismos provocam, destacam-se práticas racistas, que incluem, por exemplo, o não reconhecimento de rostos de pessoas negras ou ainda a apreensão de cidadãos nas ruas com base em sua cor de pele. Casos como esses são relatados no documentário *Coded Bias*, de Shalini Kantayya (2020), que mostra o trabalho da pesquisadora e militante do MIT Joy Buolamwini, que denuncia a implantação de tecnologias com viés racista.

A autora faz menção ainda à inteligência artificial e sua capacidade cada vez maior de criar imagens (estáticas e em movimento) extremamente realistas e facilmente adaptáveis a diversas situações. É nesse contexto que a autora localiza a discussão sobre as *deepfakes*. Cita como exemplo o sombrio projeto do site *This person does not exist*, de Philip Wang (2019). Lá, encontramos uma série de imagens geradas por programação algorítmica com grande requinte

na adaptação de detalhes dos rostos, que suavizam e naturalizam as imagens de pessoas que não existem na vida real (Beiguelman, 2021, p. 132).

No capítulo 5, *Memória Botox*, a autora continua suas reflexões a respeito das *deepfakes*, mas desta vez fazendo menção à capacidade de as imagens processadas através do *deep learning* (aprendizagem profunda). Com isso, imagens estáticas do passado podem ganhar cor e vida em repaginações contemporâneas. O aplicativo *Deep Nostalgia*, que dá vida a fotos antigas, é um dos exemplos da autora para contextualizar as aplicações possíveis desse tipo de recurso tecnológico. A autora fala em uma pasteurização da história e as possíveis consequências de uma reconfiguração das “posições na curva emocional de nossa relação com esse tipo de imagem” (Beiguelman, 2021, p. 146). Esse incômodo apontado pela autora remete ao conceito de pastiche proposto por Fredric Jameson (1985). Para o autor, esta seria uma das características essenciais da nova pós-modernidade (juntamente com a esquizofrenia), no capitalismo tardio. No pastiche, o passado é resgatado de maneira nostálgica, rememorando momentos geracionais. Os produtos culturais satisfazem a vontade de “reviver o passado”. Os exemplos citados pela autora nos conduzem a pensar que as imagens produzidas por I.A. levam a um extremo essa característica pós-moderna, o que talvez explique o tamanho sucesso dos aplicativos por ela mencionados. O capítulo ainda fala da banalização das imagens históricas e a ruína pornográfica (*ruin porn*). Nesse esvaziamento de sentido, cabe aos artistas proporem projetos que reflitam sobre a rearticulação da imagem e da memória no mundo contemporâneo. Um exemplo citado pela autora que caminha nesse sentido é a série *Apokalypse*, de Alex Flemming (2019) em que o artista trabalha com ruídos sobre imagens de edifícios-símbolo do mundo da cultura, como as catedrais de *Notre Dame* e de Brasília, o *Empire State* e o *Taj Mahal*.

No sexto e último capítulo, *Políticas do Ponto Br ao Ponto Net*, a autora chama atenção para a força política das imagens, que ficou ainda mais evidente com a pandemia e a mediação das relações humanas pelas telas. Imagens que acenam para uma política que “vende o eleitor a si mesmo” por meio da estética do amador utilizada de forma estratégia na construção do presidente Jair Bolsonaro. Imagens que dialogam com o vazio das ruas e um novo tipo de manifestação pública em meio à pandemia: as mensagens em projeções sobre as fachadas dos prédios das grandes cidades. Imagens que também clamam pelo protesto e pela contestação, que

incluem trabalhos de design, ações performáticas e também os memes. A autora lembra que tais imagens, de baixa resolução e pouco acabamento, podem tanto funcionar como contraponto aos sistemas de representação dominantes e também como agentes de polarização, já que utilizadas por grupos com diferentes perfis ideológicos. Ainda assim, como mostra Lovink (2019), os memes são também agentes libertadores de elementos reprimidos da agenda cultural. Fomentam assim conexões sociais, ainda que não necessariamente progressistas, como assistimos nas eleições de Donald Trump e também de Jair Bolsonaro.

Ao final do livro, Giselle afirma que é necessário termos a “consciência das materialidades das redes, não só do ponto de vista de sua infraestrutura física, como dos seus fluxos” (Beiguelman, 2021, p. 203). Faz referência ao custo ambiental da internet e o aumento da pegada de carbono. A menção acaba por ser uma forma inteligente de concluir o livro, uma vez que nos lembra que a “invisibilidade das imagens”, apontada ao longo da obra, tem consequências bastante evidentes no nosso cotidiano, sendo o impacto ambiental talvez o mais claro de todos.

### Referências bibliográficas

BAIO, César. Na zona de risco: Giselle Beiguelman. *Revista ECO-Pós*, v. 18, n. 1, p. 167, 2015. DOI: 10.29146/eco-pos.v18i1.2394. Disponível em: <[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/2394](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2394)>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BEIGUELMAN, G. *Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

*CODED Bias*. Direção: Shalini Kantayya. Estados Unidos, China, Reino Unido: Netflix, 2020. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/81328723>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

JAMESON, Fredric. Pós-modernidade e sociedade de consumo. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, n. 12, p. 16-26, jun. 1985.

LOVINK, Geerk. *Sad by design: on platform nihilism*. Pluto Press: London, 2019.

PAGLEN, Trevor. Invisible Images (Your Pictures Are Looking at You). *The New Inquiry*, 08 dez. 2016. Disponível em: <<https://thenewinquiry.com/invisible-images-your-pictures-are-looking-at-you/>>. Acesso em 15 fev. 2022.

**Tarcisio Torres Silva**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas

Professor pesquisador na PUC-Campinas. Membro do corpo docente do mestrado em Linguagens, Mídia e Arte. Professor visitante do Instituto Politécnico de Bragança, Portugal. Doutor em Artes Visuais pela Unicamp, com estágio no departamento de Estudos Culturais, Goldsmiths College, Universidade de Londres.

Email: [tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br](mailto:tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br)